Resolução da Ficha Formativa de Trabalho de Grupo 17 – As relações precoces

**1-** O documentário “A Ciência dos Bebés” apresenta várias aquisições e progressos dos bebés ao longo do seu período de gestação e durante o seu primeiro ano de vida após o nascimento. Destacamos aqui algumas dessas aquisições, sem ser necessário proceder ao seu elenco exaustivo: o aumento do tamanho do cérebro para o dobro (no primeiro ano de idade), o reconhecimento a voz da mãe no útero, o choro como único som para comunicar (mais tarde, o balbuciar), a existência de alguns reflexos inatos ou instintivos, como suspender a respiração debaixo de água, a sucção, a capacidade de apreensão, o facto da marcha bípede obedecer a uma pré-programação. Também se referiram investigações que apontavam a existência de certas capacidades mentais dos bebés, o cálculo mental, a adição e subtração. O desenvolvimento neuronial mostra queque os neurónios competem entre si para ficar na posse das conexões. A necessidade de estimulação sensorial é fundamental para o desenvolvimento dos bebés, o que foi possível verificar no caso concreto do desenvolvimento das capacidades visuais. No documentário também se indicou a existência de uma capacidade de aprendizagem linguística universal nos bebés que é despertada pela socialização. Os bebés têm igualmente a capacidade de rostos humanos e não humanos. O desenvolvimento motor é desigual e não obedece a uma sequência rígida de etapas, depende sobretudo da experiência individual de cada bebé e do seu modo de adaptação e aprendizagem motora.

**2-** Se bem que algumas competências exigidas a uma mãe para criar e educar uma criança se relacionam com a Biologia, a maior parte delas são desenvolvidas por aprendizagem no seio social. Por isso, tanto o pai como outras pessoas podem assumir o papel de “mãe”, se fizerem as aprendizagens adequadas. O que é preciso é que se disponibilizem e amem a criança, disponham de tempo para a educar e lhe prestem os cuidados necessários.

**3-** O comportamento maternal, na espécie humana, não é fruto de uma determinação genética, nem é imposto de uma forma rígida para todas as sociedades e culturas humanas. Pelo contrário, cuidar de uma criança não é uma competência inata, mas é um conjunto de condutas aprendidas no meio sociocultural, pelo que há uma grande variedade de padrões de conduta, tal como existe diversidade de padrões de cultura. A aprendizagem de condutas maternais é diversificada no espaço e no tempo. Prestar cuidados maternos, entre nós, nada tem a ver com o que se passa nos Marquesanos, que mergulham o bebé num regato gelado e os alimentam a caldos sem a menor atenção. Segundo a antropóloga norte-americana Margaret Mead, entre os Mundugumores, as crianças são rispidamente tratadas desde o nascimento, precisam de lutar para que as mães as deixem mamar ao peito e crescem sem afeto, entregues a si próprias. Nas ilhas Gilbert, é frequente a adoção de filhos. Os pais não se podem negar a ceder o sei filho a quem lho pedir, sob pena de serem socialmente reprovados por infringirem os costumes locais. Também nas ilhas Andaman, a adoção pratica-se culturalmente em larga escala. Quando um homem casado faz uma visita, manifesta a sua

amizade pedindo aos seus hóspedes que lhe permitam a adoção de um dos seus filhos, cujo pedido é normalmente satisfeito. Nas ilhas Samoa, as crianças são tratadas sem afeto por parte das respetivas mães e podem ser criadas por outras mulheres. Desde que começam a andar, têm de tomar conta das outras crianças. Não raro, as crianças que se sentem “cansadas” de estar com a sua própria família vão viver com outra da sua eleição. Otto Klineberg exemplificou numa das suas obras as enormes discrepâncias que a conduta maternal pode assumir entre os seres humanos, tal como acontece com os índios Omaha. A captura de crianças que eram membros de outras tribos podia levar a adoção por quem tivesse perdido um filho, ou que não pudesse ter filhos. Um caso extremo de uma mãe índia que se propôs a adotar um jovem que tinha assassinado o seu próprio filho revela até que ponto a força dos costumes se sobrepõe a outros sentimentos. Se pensarmos no que sentiria uma mãe (na nossa cultura e de acordo com os nossos padrões de justiça), perante a ideia de acolher na sua própria casa o homem que lhe tivesse morto o filho, poderemos perceber até que ponto as manifestações de “amor fraternal” podem variar de comunidade para comunidade.

**4-** Em termos psicoafectivos, mãe é um adulto significativo que dispõe de tempo para dedicar à criança, mostrando-se capaz de lhe proporcionar experiências positivas e estimuladas e de lhe dispensar a atenção e o afeto que necessita.

**5-** A primeira relação que a criança estabelece com um adulto é o que designa por vinculação precoce, relação que se caracteriza pelo desenvolvimento de uma forte ligação afetiva da criança em relação à sua “figura parental” ou “mãe”. Nesta ligação gera-se forte clima de emotividade em que o sentimento de dependência da criança é compensado pelo facto desta se sentir querida e amada. Esta relação é o ponto de partida básico da estruturação das relações socias que futuramente a criança estabelecerá, cujo êxito ou fracasso dependem, em última análise, do caráter gratificante, ou frustrante, vivido nesta primeira vinculação.

**6-** Tradicionalmente associava-se o conceito de imaturidade infantil às ideias de passividade e de incompetência, vendo-se a criança como um ser capacidades indiferente ao mundo que o rodeava. Dispunha de necessidades fisiológicas cuja satisfação a faria crescer e amadurecer para ser treinada, mais tarde, em termos socias e educacionais. Atualmente, vê-se a criança como um ser ativo, dispondo de necessidade que ultrapassam em muito as fisiológicas. Trata-se de um ser portador de competências próprias da sua idade, as quais têm que ser estimuladas e desenvolvidas. A imaturidade da criança concebe-se como dependência em relação ao adulto, mas este tem que lhe prestar cuidados que vão de encontro à satisfação das suas necessidades, não apenas orgânicas, mas também, afetivas, psicológicas e sociais.

**7-** Desde o nascimento que a criança é um ser ativo e desperto para o mundo. É portadora de necessidades específicas que têm de ser desenvolvidas. Possui sentidos que a abrem ao mundo e reflexos para lhe reagir. Começa a relacionar-se com os outros, dispondo de formas de interação, das quais se destaca o choro, o sorriso, os gestos que são uma espécie de linguagem para se expressar.

**8-** Ao acentuar o carácter ativo da criança e a necessidade que ela tem de desenvolver capacidades específicas, a psicologia do desenvolvimento contribuiu para um novo conceito de infância. Assim, Jean Piaget acentua a necessidade da criança desenvolver os esquemas de ação e cuja maturação permitirá a instalação de esquemas de pensamento. Sigmund Freud insiste na necessidade das primeiras vivências serem proporcionadoras de prazer, a fim de o desenvolvimento emocional futuro não fique comprometido. Eric Erikson chama a atenção para a necessidade da criança ultrapassar com sucesso o seu primeiro conflito existencial, para se desenvolver a esperança de, em fases posteriores, conseguir um relacionamento social gratificante. No seu conjunto, estes psicólogos evidenciam caracteres que distanciam a criança do velho conceito que fazia dela um tubo digestivo com necessidades essencialmente reduzidas à esfera orgânica.

**9-** Há competências maternais que são naturais e inatas, relacionadas com a biologia. Manifestando-se com a gravidez, prolongam a sua ação ao longo da amamentação do bebe. Fundamentalmente, trata-se do desenvolvimento das glândulas mamárias, cujo papel principal consiste na produção de leite para o alimentar. O seu desenvolvimento é estimulado pela progesterona, segregada pelos ovários, e pela prolactina, segregada pela hipófise.

**10-** Para além dos mecanismos associados à produção de leite, as competências maternas são adquiridas por aprendizagem social. Isto significa que se uma mulher não se informar junto das mães do seu grupo, não ler artigos em livros e revistas sobre temas materno-infantis ou não frequentar cursos específicos de puericultura, não saberá o que fazer para cuidar adequadamente de uma criança.

**11-** Harry Harlow fez uma experiência com macacos que foram criados por duas mães artificiais. Uma, feita de arame, com uma espécie de biberão onde os bebés se alimentavam; outra, revestida de material felpudo, que proporcionava contacto macio e agradável aos macaquinhos. Harlow verificou que os jovens animais estabeleciam facilmente um vínculo com a “mãe de veludo”, permanecendo a maior parte do tempo abraçados a ela e procurando o conforto que a “mãe de arame” não lhes podia dar. Mesmo quando sentiam fome ou queriam explorar objetos das imediações, tentavam uma posição que lhes permitisse não perder o contacto com a mãe mais confortável. Quando se apercebiam da presença de objetos estranhos, corriam para ela, agarrando-se-lhe fortemente. Acalmavam-se no seu colo e, pouco depois, é que iam observar os objetos. Pareciam viver um conflito entre o medo que o “estranho” lhes provocava e a curiosidade que sentiam pela “novidade”. Progressivamente, iam explorando os objetos, usando a mãe como base como base de apoio: corriam a tocar num objeto e regressavam rapidamente; voltavam mais calmamente aos objetos e, alguns, transportavam-nos para junto dela. Harry Harlow concluiu que, após estabelecido o vínculo com a mãe, esta funcionava como símbolo de proteção, capaz de evitar o sentimento de medo face a situações estranhas. A “mãe de veludo” era proporcionadora de sentimentos de segurança, um valioso contributo para a conquista de autonomia e para a perda de receio em relação a aventuras exploratórias. É permitido concluir que, tal como os macacos, os bebés humanos necessitam de criar laços afetivos com alguém, de viver num meio social estimulante onde possam interagir com os outros e aprender a viver em grupos sociais.

**12-** A vinculação define-se como a tendência dos bebés em permanecerem junto da mãe durante os primeiros anos de vida, estabelecendo com ela, ou com o adulto de que dependam, laços positivos de afeto. Sendo assim, pode-se relacionar de certa forma a autonomia e a vinculação, pois, a transmissão de sinais positivos por parte dos pais aos seus progenitores, faz com que estes adquiram uma confiança própria, confiando em si mesmo para aprender a integrar-se na sociedade, sem ter uma dependência face aos mesmos. É por isso que, quando a vinculação adquire níveis elevados, o bebé fica de certa forma frágil e com dificuldades de integração no meio onde vive. O conceito de vinculação relaciona-se com o desenvolvimento social e emocional, pois os bebés humanos necessitam de maiores laços de afeto com alguém, de viver num meio social estimulante onde possam interagir com os outros e aprender a viver em grupos sociais, sendo que, na ausência de vinculação, o indivíduo não se irá desenvolver a nível social e emocional, tendo assim grandes dificuldades em integrar-se no seu meio social.

**13-** Anne Freud fez estudos em infantários fundados em tempo de guerra para acolher os filhos cujas mães eram trabalhadoras e os pais estavam em combate. A psicóloga pôde observar que, apesar de bem cuidadas em termos de alimentação e higiene, quase todas as crianças apresentavam perturbações emocionais e atraso de desenvolvimento, cujas causas foram atribuídas à ausência de afeto materno. Daí pôde concluir que é de extrema necessidade o vínculo que se estabelece entre mãe e filho nos primeiros meses de vida e que, caso isto não aconteça, vai contribuir negativamente para o desenvolvimento do filho.

**14-** Muitos psicólogos têm se dedicado ao estudo de distúrbios no comportamento social e emocional das crianças, partindo da observação dos efeitos da privação de afeto materno em recém-nascidos. O psicanalista americano Spitz observava crianças abandonadas a viver, desde os primeiros meses de vida, em orfanatos e outras instituições similares. Tais crianças mostravam indiferença e insensibilidade em relação às pessoas ou então, tendência para granjear a todo o custo afeto e atenção. As perturbações manifestadas pelas crianças nestas condições ficaram conhecidas pela síndroma do hospitalismo. É uma síndroma ocorrida em crianças que sofrem da ausência da mãe ou de quem a substituta. O hospitalismo acarreta as seguintes consequências: morte precoce, maior número de doenças em relação ao habitual atraso no crescimento físico, atraso no desenvolvimento intelectual, dificuldades no relacionamento interpessoal. Spitz atribui o hospitalismo à privação do aconchego materno, denunciando as situações em que é vulgar haver pessoas a confundir vitaminas e higiene com afeto, rareando as que são capazes de dar amor e carinho. Estes estudos vêm salientar que o vínculo afetivo estabelecido na infância não é uma resposta natural do filho à mãe enquanto elemento que lhe satisfaz as necessidades elementares. A vinculação é uma necessidade de cariz emocional cuja satisfação implica experiências gratificantes como estar ao colo, ser embalado, ser abraçado e beijado ou receber festas e caricias, sensações e emoções que a tetina do biberão é incapaz de desencadear.

**15-** Muitos psicólogos têm-se dedicado ao estudo dos distúrbios no comportamento social e emocional das crianças, partindo da observação dos efeitos da privação de afeto materno em recém-nascidos. As observações em crianças de tenra idade levaram John Bowlby a concluir que, as crianças quando afastadas da família por períodos de tempo superiores a três meses, vêm a sofrer de perturbações que se desenvolvem em três fases: inicialmente, mostram desespero; seguidamente, apresentam irritação e cólera, manifestam-se mesmo em relação à família; e , por fim, caem num estado de indiferença e apatia.

**16-** A vinculação, em psicologia, refere-se às procuras dirigidas a figuras específicas, ou seja, a relações afetivas específicas. Assim, a vinculação é a tendência manifestada pelos seres vivos de várias espécies nos primeiros tempos das suas vidas para se ligarem afetivamente à sua mãe, permanecendo junto dela, ou de outro adulto de que eventualmente dependam. Este termo foi introduzido em psicologia por John Bowlby.

**17-** Freud dizia-nos que o vínculo afetivo que se estabelece entre o filho e a mãe não era uma resposta natural, que poderia estar relacionada com a satisfação das necessidades fisiológicas. Mas as experiências de Harlow provaram a incorreção desta interpretação, pois, se ela fosse verdadeira, os macaquinhos bebés estabeleciam vínculo afetivos com as suas mães de arame, as proporcionadoras do seu alimento. Assim, ficou provado que o vínculo se estabelecia em relação às mães felpudas, que não lhes proporcionavam comida, mas sim conforto.

**18-** Harlow manteve macaquinhos bebés numa jaula vazia, completamente isolados de tudo o resto. Quando estavam isolados a mais de um ano, os animais tornavam-se inadaptados, manifestando problemas sociais e emocionais. Procuravam afastar-se dos outros, abraçavam-se ou mordiam-se, reprimindo-se a si próprios, e efetuavam movimentos oscilantes como se estivessem num baloiço. Colocados em contacto com outros macacos criados normalmente, não brincavam, não os perseguiam, nem respondiam aos seus ataques agressivos. Esta inadaptação persistiu em idades futuras, mostrando-se impotentes em questões sexuais e inaptos nas relações parentais. Alguns machos tornaram-se sexualmente indiferentes e os que tentavam acasalar, agarravam-se a qualquer macaco indiferentemente do seu sexo, não conseguindo qualquer tipo de relacionamento. As fêmeas resistiam às solicitações dos machos normais e, fecundadas artificialmente, não mostravam amor pelos filhos, muito pelo contrário maltratavam-nos.

**19-** Se as crianças forem privadas de estímulos humanos, isto irá provocar consequências bastante negativas, muito semelhantes às verificadas nos macacos: anomalias no desenvolvimento social e emocional, que podem ir a procura obsessiva e doentia de afeto à indiferença em relação ao adulto. A indiferença é a conduta mais generalizada, sendo muitos os casos de afastamento de pessoas, de isolamento e apatia, permanecendo as crianças agarradas à barra da cama, ou baloiçando-se, em movimentos repetidos e sem sentido, assumindo um rosto inexpressivo. Algumas observações futuras revelaram casos de défice intelectual, relacionados à linguagem, ao raciocínio abstrato, e a perturbações sociais e emocionais. Tornando as crianças em seres agressivos e denotando conduta delinquente, a falta de desenvolvimento psicoafectivo na primeira infância evidencia falhas na personalidade

que se traduzem numa inadaptação social. O hospitalismo investigado por Spitz em orfanatos revela muito bem esses défices de adaptação.

**20-** As primeiras experiências da criança são bastante importantes para a sua socialização, a relação que esta estabelece com a sua mãe que inicia-se na interiorização de regras e padrões, úteis para o seu futuro, aprendendo comportamentos ajustados ao grupo em que esta inserido. As emoções das primeiras vivências dependem do maior ou do menor equilíbrio psicológico da criança no que diz respeito ao relacionamento social. Se as experiências vividas na vinculação inicial são agradáveis, a criança ganhará confiança para conseguir estabelecer relações com outras pessoas. Se as experiencias forem desagradáveis, a criança poderá começar a desconfiar, hesitando relativamente a novos contactos sociais. Assim, a sua personalidade futura poderá ser afetada pelas situações dos estímulos agradáveis ou desagradáveis: há pessoas cuja atitude perante os outros é de expansão, de procura de relacionamentos e de abertura para com os outros, assumindo uma forte motivação e auto estima pessoal, mas outras pessoas tendem para o isolamento social, para uma distância social e emocional perante os outros, mostrando pouca motivação para viver a vida e uma grande baixa auto estima. O que se revela em todo o desenvolvimento psicoafectivo é a importância das primeiras experiências de socialização serem gratificantes e de qualidade ao nível da estimulação familiar, pois a sua existência promove um desenvolvimento mais adaptado na vida adulta. Por sua vez, experiências familiares pouco gratificantes são importantes para compreender os défices de desenvolvimento psicológico nas crianças e jovens, mas também para entender melhor, na vida adulta, certas situações de inadaptação à vida social, familiar e profissional. Neste aspeto, a lição de Freud, sobre a influência da primeira infância, é relevante: “a criança é o pai do homem”.

12ºB

Daniel Sebastião

Diogo Palma

Gonçalo Paulos

Luís Diogo

Miguel Baltazar